

## A política em Deleuze e Guattari: do intolerável ao possível<sup>1</sup>

### La politique chez Deleuze et Guattari: de l'intolérable au possible

ALEX FABIANO CORREIA JARDIM<sup>2</sup>

MICHELLE MARTINS DE ALMEIDA<sup>3</sup>

**Resumo:** Nosso objetivo é pensar uma filosofia política em Deleuze e Guattari, tendo em vista que a ética ao qual discutem desagua no campo da filosofia prática e se quer como uma estética da existência, no interim da linha espinozista de raciocínio. Os conceitos criados por Deleuze e Guattari se emaranham numa grande teia problemática, o que por conseguinte temos que é uma tarefa no mínimo estranha, buscar uma espécie de centro ou mesmo um fio condutor em relação à sua filosofia, como se fosse possível, falarmos de um 'sol' por onde gravitam seus pensamentos. O desafio apresentado é o de construir uma máquina abstrata capaz de traçar um plano de consistência dentro de uma economia do desejo forjada pela máquina de guerra capitalista. A questão é: criar e fertilizar o terreno do possível.

**Palavras-chave:** Política. Intolerável. Possível.

**Résumé:** Notre but est de penser une philosophie politique chez Deleuze et Guattari, en considérant que l'éthique à laquelle ils discutent s'inscrit dans le champ de la philosophie pratique et se veut une esthétique de l'existence, dans l'intervalle de la ligne de raisonnement spinoziste. Les concepts créés par Deleuze et Guattari sont enchevêtrés dans un grand réseau problématique, que nous avons donc que c'est une tâche pour le moins étrange, de chercher une sorte de centre ou même un fil conducteur par rapport à leur philosophie, comme s'il était possible de parler d'un «soleil» à travers lequel gravitent leurs pensées. Le défi présenté est de construire une machine abstraite capable d'élaborer un plan de cohérence au sein d'une économie du désir forgée par la machine de guerre capitaliste. Le but est de créer et de fertiliser le terrain du possible.

---

<sup>1</sup> O texto apresenta um constante diálogo, fazendo menção e transcrição, quando necessário, aos escritos do capítulo – de um dos autores desse ensaio – que foi publicado anteriormente. Cf. MARTINS, 2022, pp. 287-318.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela UFSCar e Professor junto à UNIMONTES. E-mail: alex.jardim@unimontes.br

<sup>3</sup> Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Senso em Letras / Estudos Literários (PPGL/EL - UNIMONTES) com Bolsa de pesquisa CAPES. Graduanda em Artes Teatro pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, MG. Especialista em Psicanálise e Psicologia pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP). Especialista em Ética e Filosofia Política pela Faculdade do Leste Mineiro (FACULESTE). Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES/ MG). Membro integrante do Grupo de Pesquisa em Filosofia, Ciências Humanas e Outros Sistemas de Pensamento, da Universidade Estadual de Montes Claros, MG (GPfil-UNIMONTES, MG/ vinculado ao CNPq), sob coordenação do Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim. Membro organização do Canal de YouTube Agenciamentos Contemporâneos, vinculado ao Grupo de Pesquisa em Filosofia, Ciências Humanas e outros sistemas de pensamento da Universidade Estadual de Montes Claros, MG (GPfil-UNIMONTES, MG/ vinculado ao CNPq). Membro integrante do GT Deleuze Guattari vinculado à ANPOF. ORCID: 0000-0002-7617-0466. E-mail: michelle.mmartinss@yahoo.com.br

**Mots-clés:** Politique. Intolérable. Possible.

*“O melhor mínimo. Não. Nada de melhor. O melhor pior. Não. Não o melhor pior. Nada de melhor pior. Menos que melhor pior. Não. O menos. O menos melhor pior. O mínimo nunca pode ser nada. Nunca ao nada pode ser reconduzido. Nunca pelo nada anulado. Não anulável menor. Dizer esse melhor pior. Com palavras que reduzem dizer o mínimo melhor pior... Hiatos para quando as palavras desaparecidas.” (Beckett apud Deleuze, 2010, p. 111).*

### Considerações iniciais

É uma tarefa no mínimo estranha, buscar uma espécie de centro ou mesmo um fio condutor em relação à filosofia de Deleuze e Guattari, como se fosse possível, falarmos de um ‘sol’ por onde gravitam seus pensamentos. Os conceitos criados por estes dois pensadores se emaranham numa grande teia problemática. Trata-se de um sistema com várias entradas, cheio de bifurcações. E uma dessas entradas é pela filosofia política, mais especificamente, uma crítica contundente ao capitalismo. É em *O Anti-Édipo* (1972/73) e *Mil Platôs* (1980) que Deleuze e Guattari desenvolvem essa crítica de modo mais explícita. O desafio apresentado é o de construir uma máquina abstrata capaz de traçar um plano de consistência dentro de uma economia do desejo forjada pela máquina de guerra capitalista. Traçar linhas de fuga que configuram a convergência do possível nesse plano de imanência. A questão é: criar e fertilizar o terreno do possível. Ramificar os desejos assegurando suas conexões contínuas, suas ligações transversais: continuidade intensiva de todos os CsO<sup>4</sup>. Se por um lado, o capitalismo impõe limites, impedimentos, negações, será

160

---

<sup>4</sup> *Corpo Sem Órgão*. A experimentação do seu vazio como limite, irrupção, difusão e impulsão da força motriz geradora de um novo corpo: nem humano, nem metafísico. Um corpo de resistências e intensidades, de puro devir: um Corpo Sem Órgãos. Sobrecodifica os fluxos marcados pelo condicionamento da unidade transcendente de um jogo de extrações de fluxos e supressão das diferenças.

justamente no campo dos limites que Deleuze irá inserir a tarefa do esgotamento do possível<sup>5</sup>: é a partir da renúncia a qualquer preferência, com disjunções inclusas, que se constrói uma série exaustiva de coisas, em que os termos se afirmam em sua distância. Através do que Deleuze chama de combinatória<sup>6</sup> que se abrem e se racham átomos, que se interrompem fluxos. (MACHADO, 2010, p. 18) Toda essa valsa age por contágio, e pensar o impensado, o esgotar o possível, cresce assim como erva-daninha nas dobras do (im)possível, e se estender para todos os campos da vida social, da arte à política e cria agenciamentos de corpos. A urgente exigência é a de transpassar os dispositivos de controle, regulamentação e disciplinarização dos dispositivos aliados do capitalismo e também das práticas fascistas, venham de onde vier. “Senão os CSO do plano permanecerão separados em seu gênero, marginalizados, reduzidos aos meios disponíveis, enquanto triunfarão sobre “o outro plano” os duplos cancerosos ou esvaziados.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 33)

No prefácio do *O Anti-Édipo* Foucault destacou a importância desse livro de Deleuze e Guattari enquanto uma ferramenta de batalha face à ampliação do fascismo na sociedade contemporânea. “O banimento de todas as formas de fascismo, desde aquelas, colossais, que nos envolvem e nos esmagam, até as formas miúdas que fazem a amarga tirania de nossas vidas cotidianas” (FOUCAULT, 1993, p. 200). Entre os adversários de uma vida ética estão, para Foucault: “Os ascetas políticos, os militantes morosos, os terroristas da teoria, aqueles que gostariam de preservar a ordem pura da política e do discurso político. Os burocratas da revolução e os funcionários da Verdade.” (*Ibidem*, p. 198) A ética, tem inimigos, como também afirmou Costa (COSTA, 1997, p. 67-86), entre eles estão os que se recusam a crescer (criar, expandir, fabular, inventar), aqueles que não querem correr riscos, os que vivem entupidos de psicotrópicos, de ódios, ressentimentos e alienados. Podemos também citar um tipo de vida entendida como comércio que

---

<sup>5</sup> “A combinatória é a arte ou a ciência de esgotar o possível, por disjunções inclusas. Mas apenas o esgotado pode esgotar o possível, pois renunciou a toda necessidade, preferência, finalidade ou significação.” (*Ibidem*, p. 71)

<sup>6</sup> A combinatória é a arte ou a ciência de esgotar o possível, por disjunções inclusas. Mas apenas o esgotado pode esgotar o possível, pois renunciou a toda necessidade, preferência, finalidade ou significação.” (*Ibidem*, p. 71)

tira a possibilidade de experimentar eticamente a existência das relações afetivas, sociais, de trabalho e as esferas de direitos civis, políticos e sociais. E não apenas isto, mas como já nos dissera Guattari de que “a subjetividade está no coração da produção capitalística” (Guattari apud Pelbart, 2003, p. 149). A vida é objetificada, e enquanto objeto é tornada vetor de valorização por parte do capital, atrai interesse e investimento. Tal regime que toma por objeto a vida, Foucault chamou biopoder<sup>7</sup>. Segundo Pelbart (2003), a vida é ora dada como capital, ora vampirizada<sup>8</sup> pelo capital. Como capital há uma reinvenção das suas coordenadas de enunciação, e quando vampirizada é rebatida sobre uma dimensão de mera sobrevida<sup>9</sup>, o que Agamben chama de vida nua. São vidas matáveis. Para Guattari e Rolnik, a subjetividade é essencialmente social e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. Assim,

O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização. (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 33).

162

Há todo um processo de captura, produção e consumo de subjetividade, por meio de fluxos imateriais que torna a própria subjetividade em capital: afetam nossas formas de vida, nossos modos de existência – o que vestir, o que sentir, o que pensar, o que desejar, o que viver<sup>10</sup>. O aprisionamento dos corpos, a captura e produção do desejo e instauração de uma culpa outrora introjetada na formação do

---

<sup>7</sup> Segundo Foucault, *biopoder* é uma forma de governar a vida que foi posta em prática no Ocidente a partir do século 17. Tal regime de governo da vida, estabelece controles reguladores: reside no governo dos corpos dos indivíduos, através da *disciplina*; e o governo da vida populacional como um todo, através da *biopolítica*. “As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. (...) voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida, caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima para baixo.” (FOUCAULT, 2012. P. 152)

<sup>8</sup> Cf. Parte VI, “A vida em cena”, da obra *Vida Capital: ensaios de biopolítica*, do autor Peter Pál Pelbart, 2003. *Vide* referências.

<sup>9</sup> A sobrevida é a vida humana reduzida a seu mínimo biológico, à sua nudez última, à vida sem forma, ao mero fato da vida, à vida nua.” (PELBART, 2009. P. 28)

<sup>10</sup> Indicamos como leitura a seção “Nietzsche”, p. 251-253, na obra *O Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari. *Vide* referências.

indivíduo enquanto homem civilizado, cunham inscrições no corpo que estrangulam nossa potência de ser e agir no mundo, e que estrangulando assim também, a própria vida. Relação que desagua no sistema neoliberalista, e funciona como uma máquina gestora do sofrimento psíquico. Há uma economia afetiva, onde a subjetividade se torna força viva, um *quantum* social, um bloco de potência psíquica e política. (PELBART, 2003) Um manejo da vida tal como o manejar dos fluxos financeiros.

Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado. Por isso ele é essencialmente dispersivo, e a fábrica cedeu lugar à empresa. A família, a escola, o exército, a fábrica [...] são agora figuras cifradas, deformáveis e transformáveis, de uma mesma empresa que só tem gerentes. (DELEUZE, 2013, p. 228).

Essas questões fazem correlatos com o fascismo, que apreendido em sua dimensão molecular, sua forma difusa e capilarizada, configura um processo em que ele se moleculariza no tecido social: pequenos fascismos, em suas mais variadas formas de opressão do cotidiano. Marca de uma governamentalidade que conjuga molaridade e molecularidade, e caracteriza-se pela sua capacidade de dispersão no território, e emersão e atualização em qualquer contexto, momento e instância, e não apenas em espaços macropolíticos, mas nos espaços micropolíticos: nas ações do cotidiano, no casal, na família, nas Instituições concretas, e inclusive em um indivíduo consigo próprio. (HUR, 2019) Toda sociedade, assim como cada indivíduo, é atravessado por essas duas segmentaridades, uma molar e uma molecular. Atravessa corpos e modula subjetividades: os loucos, o racismo, os problemas que envolvem as discussões em torno do gênero, os gays, o ostracismo social e político à qual somos submetidos via censura, a diminuição da comunicação em prol do aumento do marketing e do 'empresariamento' das subjetividades e das relações passam a figurar enquanto governo da vida das populações pela biopolítica. (FOUCAULT, 2008) "... O marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores." (DELEUZE, 2013, p. 228) Esses fascismos moleculares podem ser compreendidos como os chamados microfascismos: microfascismos em nós, práticas de exceção contemporâneas que

nos colocam à mercê dos afetos de ódio e atitudes brutas, intolerantes e agressivas.

Segundo Deleuze e Guattari:

[...] o fascismo é inseparável de focos moleculares, que pululam e saltam de um ponto a outro, em interação, antes de ressoarem juntos no Estado nacional-socialista.... Cada fascismo se define por um microburaco negro, que vale por si mesmo e comunica com os outros, antes de ressoar num grande buraco negro central generalizado.... É uma potência micropolítica ou molecular que torna o fascismo perigoso, porque é um movimento de massa: um corpo canceroso mais do que um organismo totalitário. (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, pp. 100-101).

O fascismo age a partir de um manejar onde seus focos moleculares agenciam-se a partir de pontos locais e independentes e operam o manejar de uma gestão de afetos. (HUR, 2019) O resultado? Um grande buraco negro! Um corpo canceroso! Conforme nos falava a pouco, Deleuze e Guattari (2012a). E isso porque os focos moleculares do fascismo ressoam em uma estrutura macropolítica, que atua muito mais como destruição do que por totalização. Nessa configuração não necessita mais necessariamente da figura um líder para identificar-se, não se limita mais aos processos da formação imperial-despótica do Estado totalizado, onde um soberano escraviza o povo a partir de uma macroestrutura que opera de cima para baixo, com estratégias de disciplina. O líder agora é resultado e funciona a partir do atravessamento do molecular ao molar: é expressão de anseios do coletivo. (*Ibidem*) Segundo Guattari (1981) configuram um modelização afetiva, um manejo afetivo, gestão afetiva, que é parte da estratégia governamental de mobilizar toda uma multiplicidade de desejos amordaçados e dos afetos mais íntimos e ocultos de um indivíduo, se dá pela captura violenta do desejo pelo dispositivo de poder, criando em nós um enquadramento, uma territorialização despotencializante e tóxica, em que as moléculas do ódio e da destruição se ancoram. Segundo Hur (2019) configuram uma semiotização da vida, em que se instila emoções primitivas e rudimentares que incitam processos regressivos, como a insegurança, o medo e o ódio, para estimular o gregarismo via códigos instituídos. Essa modelação afetiva se dá por intermédio de um funcionamento celular, no qual as moléculas se contagiam umas às outras. “Passa através da mais fina malha [...]. O fascismo, assim como o desejo, está espalhado por toda parte, em peças descartáveis, no conjunto do campo

social; ele toma forma, num lugar ou noutro, em função das relações de força.” (GUATTARI, 1981, p. 188-189).

Todo o movimento, o agitar cauteloso das moléculas e focos microfascistas produzem um eco e vibrações que ressoam “reverberando uma 'radiação' que produz 'células cancerosas' que se alastram por contágio e dispersão, independentemente de suas distâncias espaciais e temporais.” (HUR, 2019, p. 144) A família, a saúde e o trabalho são áreas bombardeadas em função do que Deleuze chamou de *sociedade de controle*<sup>11</sup>. Segundo Deleuze (2013, p. 228): “O controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua.” A dívida na tentativa de mantê-las a qualquer custo gera efeitos de vigilância maiores, disparando controles microfascistas em diferentes espaços e relações.

Reparem bem: todas as vezes e situações em que colocamos sob o prisma da crítica. Família (discurso moral), a saúde (controle do Estado – biopolítica) e o trabalho (relações de exploração) há o despertar de um ódio. O ódio é um ato reativo, anda junto com a justiça vingativa (os mesmos que defendem as leis via discurso moral, também defendem a possibilidade de vingança) e elimina a ética como dimensão da vida afirmativa. Experimenta um estado de diminuição da vida. Reduzida, a vida torna-se meramente algo de menor valor. Uma vida envolta ao mecanicismo. Os valores que norteiam a vida na Terra são dados por um sentido mercantil econômico, que em nossa contemporaneidade acentuam uma perdura das condições de mediocrização e rebaixamento cultural que propiciam a manutenção deste tipo de homem: rebaixado e mercantilizado.

A vida (uma vida)<sup>12</sup> deveria ser nosso principal juízo e referência. Uma vida: a pura imanência. “Ela não é imanência à vida, mas o imanente que não existe em

---

<sup>11</sup> Indica-se como leitura a seção V – Política, p. 213-230, da obra de Gilles Deleuze: *Conversações* (2013). *Idem*. Vide referências. [*Pourparlers*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990]

<sup>12</sup> “É na medida em que Fichte ultrapassa as aporias do sujeito e do objeto que ele, em sua última filosofia, apresenta o campo transcendental como uma vida que não depende de um Ser e não está submetido a um Ato: consciência imediata absoluta, cuja atividade mesma não remete mais a um ser, embora não cesse de se situar em uma vida<sup>3</sup>. O campo transcendental torna-se então um verdadeiro plano de imanência que reintroduz o spinozismo no mais profundo da operação filosófica. Não é uma aventura semelhante que

nada também é uma vida. Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é potência completa, beatitude completa.” (DELEUZE, 2002a, p. 12) A vida (uma vida), é muito maior do que qualquer individualidade. Deleuze nos diz ainda, que:

Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa e que esses objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos. Essa vida indefinida não tem, ela própria, momentos, por mais próximos que estejam uns dos outros, mas apenas entre-tempos, entre-momentos. Ela não sobrevém nem sucede, mas apresenta a imensidão do tempo vazio no qual vemos o acontecimento ainda por vir e já ocorrido, no absoluto de uma consciência imediata. (*Ibidem*, p. 14).

Porém, com os fluxos desejantes em colapso, o que há são corpos cansados, endividados; o homem se tornou algo medíocre. E este apequenamento do homem, tornou-se a meta da civilização. Os vetores de força não se tornam outra coisa senão reatividade e ressentimento. Expressa a partir da obediência aos códigos da razão, serve somente para garantir uma vida sem ser afetado pelas “forças do fora”, para que seja mantida a estabilidade da ordem social e conservação da vida gregária e coletiva, seguindo as normas morais. “Como forma de continência assumem vetores direcionados aos novos códigos, que funcionam como suporte à vertigem do real e do esgotamento, gerando uma espécie de hiperterritorialização em novos segmentos.” (HUR, 2020a, p. 190) Apesar dos fluxos desejantes continuarem a percorrer a rede neoliberal de hiperprodução, não se ancora mais na teleologia de uma *eudaimonia* onde o gozo advém da felicidade e da produção de riqueza. O *télos* agora reside no sobreviver. E os afetos que se experimenta não são outros senão os sentimentos de desencantamento do mundo, desencantamento de si. Um estado de depressão coletiva que comportam um pessimismo mordaz e um amargor atroz. Consequentemente, a insegurança e medo gerados, ativam “um sistema de vigilância que se converte em um sistema de repulsão, de rechaço, ao outro que não

---

sobrevém a Maine de Biran, em sua “última filosofia” (aquela que ele estava demasiadamente fatigado para levar a bom termo), quando ele descobria, sob a transcendência do esforço, uma vida imanente absoluta? O campo transcendental se define por um plano de imanência, e o plano de imanência, por uma vida.” (DELEUZE, 2002a, p. 2).

está posicionado em seu mesmo código.” (*Ibidem*) Há uma digladição pela sobrevivência na iminência da constante ameaça pela figura do outro, uma disputa que gera rechaço, uma ojeriza ao diferente que o torna cada vez mais inimigo.

O ódio ao diferente é a afecção principal do desejo fascista, o qual conforma a consistência do seu laço social. A sociedade passa a ser gerida por moléculas de ódio e destruição que estão disseminadas a tal ponto que se constituem regimes de autointoxicação e despotencialização. (*Idem*, 2019, p. 145).

À uma renúncia do homem às suas singularidades, seus aspectos mais intrínsecos, impulsos mais agressivos, sua vontade animalesca de simplesmente agir e ser no mundo. Torna-se então, comum; e até o comum é territorializado. Nesse sentido, segundo Hur (2020a, p. 173-202), o desejo assume uma configuração de segmentarizações que pregam pelo extermínio e destruição da diferença. Busca destruir a parte vista como passível de danificar o todo, a estrutura, desfazer o organismo, desintegrar o rebanho, rachar a estabilidade. Logo, atacam os “corpos estranhos” que possam desagregar o corpo coletivo integral. Pautam-se na lógica do antagonismo. Sempre a ruminar a mesma grama de todos os dias, o pasto nunca muda. A grama está sempre molhada para o rebanho. Folhas venenosas. Há uma memória social coletiva nesse rebanho: mesmos processos, mesmos valores, mesma linguagem. Nas práticas microfascistas: o juízo e a justiça são baseados na moral (bem e mal) travestida de verdade imparcial e absoluta. As expressões singulares são cooptadas e integradas à uma totalidade social.

A partir desse quadro, a ideia de ‘decepção’ para Deleuze e Guattari na verdade era a condição favorável para algo de efetivo (um devir, um movimento). É fundamental que a gente experimente a decepção. Que percorramos o limbo do cansaço. Por quê? A política em Deleuze e Guattari tem uma relação com a ideia de “criação do possível”. É como se todo o caos provocasse uma movimentação de corpos que ocasionasse esse “buraco de minhoca” deleuze-guattariano. “Rasguemos o firmamento e que mergulhemos no caos.” (DELEUZE; GUATTARI, 2001, p. 260) Inicialmente a gente pensa que o possível é o que pode acontecer. Diante de um quadro qualquer, pede-se a não-resignação porque a situação é cheia de possibilidades; há sempre algo para se tentar. Deleuze afirma justamente o oposto.

Nós não temos previamente o possível. Nós não o temos antes de tê-lo criado. O possível não está lá... como se fosse um pote de ouro aos pés do arco-íris.

Deleuze nos propõe um desafio: encarar o desejo de modo que a própria vida se configure enquanto um agenciamento dos desejos. Desejar o próprio desejo, é desejar a própria vida. A potência própria do desejar, reside exatamente na potência da criação, no movimento da criação do possível: naquilo que de fato é possível criar e o que criamos, na invenção de possibilidades outras e de agenciamentos da própria vida, outros “modos de vida”. Essa potência de criação e de vida, a potência do desejo, só se dá ao passo que estabelecemos construtos de encontros de afectação com e pelo desejo, logo, pela vida. Para Deleuze e Guattari (*Idem*, 2011), criar novos modos de vida, seria justamente a “criação do possível”: um caminho, uma saída, linhas de fuga produzidas a partir de estratégias, de um possível que permita que escapemos dos fascismos cotidianos. Haja visto, que “um modo é uma relação complexa de velocidade e de lentidão, no corpo, mas também no pensamento, e é um poder de afetar e de ser afetado, do corpo ou do pensamento.” (DELEUZE, 2002b, p. 129). São produção de modos singulares da relação imanente do homem com o mundo – a forma de se afetado e percebido, afetar e perceber outros corpos, um corpo se definiria pelos afetos de que ele é capaz – “capacidade de afetos, com um limiar máximo e um limiar mínimo”. (*Ibidem*, p. 129) É àquilo que nos permite pensar a subjetividade e os processos de subjetivação como produção maquínica<sup>13</sup> desejante, fruto de devires, delírios criativos, singularidades. Produção como antiprodução: sem formas, funções, sem modelos, representações, juízos pré-estabelecidos, organismos moldados por idealizações. O corpo enquanto um modo, não mais visto enquanto substância ou sujeito. Destarte, a subjetividade agora se daria enquanto composição de forças, rizomática, nômade: eis a velocidade de desterritorialização do afecto – os afectos atravessam o corpo como flechas, são armas de guerra, onde o Eu não passa de um personagem cujos gestos e emoções estão dessubjetivados. (*Idem*, 2012b, p. 18) Irrompe-se com um Eu, com o enclausuramento das forças próprias da vida. Abrir o leque das possibilidades de produção dos desejos e suas formas mais diversas.

---

<sup>13</sup> Recomendamos a leitura da seção intitulada: *Máquina e corpo pleno: os investimentos da máquina*, Cf. *Ibidem*, pp. 529-534.

O problema de vários movimentos sociais ou libertários, movimentos de minoria, é acreditar e defender que eles são ‘o possível’. E corre-se o risco de se tornarem também em práticas fascistas no sentido do possível se tornar em ‘absoluto’, ‘uno’, quase uma transcendência. Um tipo de metanarrativa. Assim, segundo Hur (2019) mesmo um movimento que se quer como voz das minorias sociais, existe uma dissociação entre desejo e representações conscientes, que gera processos contraditórios. Parafraseando Deleuze e Guattari, Hur nos diz ainda que “é muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas.” (*Ibidem*, p. 146) Por isso, para não lidar com a indeterminação e a incerteza, vemos a utilização de escudos que se transfazem fascistas,

[...] a partir de uma perspectiva psicopolítica percebemos que os extremismos políticos não se expressam somente nos conflitos radicais, como na luta armada, nos atentados e mobilizações terroristas, mas em muitas formas de ativismo político. No âmbito cognitivo, configuram-se como comportamentos rígidos e intolerantes ao que emerge como diferença. Consta-se uma rigidez que não aceita novas ideias; se alguém afirma algo distinto do que o grupo crê ou pensa, não é aceito. Portam repertórios de crenças e valores que reduzem a diversidade e multiplicidade do real para apenas duas versões dos fatos, sempre na lógica do negativo (Deleuze, 2006), na qual uma posição nega a outra, formando uma relação de contradição e mútua exclusão. Há uma adesão apaixonada a discursos extremistas e monolíticos, que não aceitam refutação, gerando condutas conservadoras, totais, intolerantes e irrefutáveis, que Guattari (2013) denomina de neoconservadorismos [...]. Muitas vezes [em sua maioria] não são embasados em reflexões e juízos conscientes, mas constituem modalidades de apreensão da realidade tal como fundamentalismos religiosos, porém fora do âmbito da religião. Costumam-se expressar no plano intersubjetivo de uma forma binária, dicotômica, polarizados em uma relação de conflito... [onde] deprecia-se e hostiliza-se a diferença, como se fosse característica de pessoas sem consciência ou inferiores. No âmbito afetivo, as emoções mais presentes são a ira e o ódio ao outro. (*Idem*, 2020b, p. 8-9).

Para Deleuze (2013, p. 215), “a única oportunidade dos homens está no dever revolucionário, o único que pode conjurar a vergonha ou responder ao intolerável.” Para Deleuze/Guattari, trata-se de uma redistribuição de papéis e funções, de uma subversão do conjunto das posições sociais. Tratar-se-ia de uma mudança, de uma mutação de uma outra ordem. Não é a mesma coisa por exemplo, como a passagem

da *sociedade disciplinar à sociedade de controle*. O que teremos é um novo regime de dominação e nunca a abertura para um novo campo de possíveis. A revolução é a abertura do possível. Campo de possíveis é a emergência dinâmica do ‘novo’. Para Deleuze, realizar um projeto não significa nada de novo no mundo. Não há diferença conceitual entre o possível como projeto e sua realização. Trata-se apenas de um salto. Nada mais. A impressão que sempre fica é que o possível já existe e temos que apenas de encontrá-lo como um tipo de desvelamento ou descoberta. Há uma enorme diferença entre o possível que se realiza e o possível que se cria. Por um ‘novo campo de possíveis’ é necessário entender que: ‘possível’ deixou de designar a série de alternativas reais e imaginárias, ou um conjunto de disjunções características de uma época e de uma sociedade dadas. Campo de possíveis: engendramento de acontecimentos. Trata-se de criar novas possibilidades de vida.

Para Deleuze: possibilidade de vida exprime um modo de existência. É o ‘expresso’ de um agenciamento concreto de vida. Isso é absolutamente difícil. O que chamamos de ‘expresso’? Expresso não é da ordem da significação ou de um conjunto de significações. Expresso é a maneira singular, a distribuição dos afetos – e aqui está em jogo não só o meu espírito, como o meu corpo. Expresso é singularidade. E uma singularidade não se dá por gênero, por uma escolha, por uma opção. O seu sentido é o efeito de uma prática, de um conjunto de relações e de movimentos que são anteriores à individualidade. Estamos falando de encontros. O que define a minha singularidade são os encontros que experimento. Singular não é aquele que tem uma consciência de algo. Ela não comporta ego. É como se fosse um tipo de potencial que ao se ligar/implicar com outros pontos singulares, ultrapassa qualquer síntese da consciência ou individualidade. Um tipo de teoria dos fluxos ou metaestabilidade. Aquilo que é vivo na sua singularidade, existe no limite de si mesmo, sobre seu próprio limite. Para Deleuze, ‘as singularidades se distribuem em um campo propriamente problemático e advém neste campo como acontecimentos topológicos aos quais não está ligada à nenhuma direção’, logo, sentido, singularidade, escapam à tradição filosófica em relação às velhas noções metafísicas de essência e ser, uno, totalidade.

Uma possibilidade de vida é sempre uma diferença (singularidade). Possibilidade de vida como modo singular de invenção de mundos possíveis. Daí se

entende o ódio manifesto. O conjunto de signos de ódio que nos atravessam impedem o expresso, o nosso expresso, a nossa singularidade. Há um tipo de interdição daquilo que é singular, justamente porque este se desvencilha/digressão de uma determinada objetividade, plano de organização, fundamento. E fora daquilo que escapa à ideia de pessoa/homem/sujeito enquanto forma e matéria, enquanto função e conteúdo não é possível de ser compreendido, conhecido, objetivado. Logo, não distinguireis nada...

A invenção e ou criação de possibilidades de vida tem uma implicação fundamental com a maneira de ser afetado. Por isso a relação entre política e percepção. Criar possibilidade de vida é pensar a 'abertura' por afetar e ser afetado. Nesse caso, agora, 'o possível' na política em Deleuze e Guattari remete à potência. O conceito de possibilidades de vida está em relação àquilo que aumenta ou diminui a minha potência em existir. Essa nova distribuição dos afetos tem também uma relação com a ideia de 'fissura'/de corte/de ruptura/ de disjunção. Nesse itinerário, podemos afirmar que: uma nova distribuição dos afetos é um acontecimento político. E o que dá o tom dessa nova distribuição é a ideia 'do intolerável'. O intolerável como elemento constitutivo de uma nova percepção política. Essa 'mutação subjetiva' não se decreta e nem é natural ou espontânea. Ela é violenta. É justamente da disjunção que um outro encontro 'acontece'. O que Deleuze chama de 'distribuição dos afetos' implica-se à ideia de 'encontro' e 'potência' (encontro com um texto, com alguém, com um filme, com uma imagem).

Podemos observar que a contemporaneidade política no mundo, especialmente no Brasil, é absolutamente reveladora. Demonstra um raio X dos nossos modos. O que importa é um fenômeno da vidência, como se uma sociedade visse, de repente, o que continha de intolerável, e visse também a possibilidade de outra coisa. É um fenômeno coletivo. Ou seja, apreender o intolerável em uma situação. É colocar em xeque, na berlinda, as condições usuais da percepção. E tal prática possibilita uma mudança afetiva. Abertura de um novo campo de possíveis está ligada a estas novas condições de percepção. E isso é possível justamente em função da experiência do intolerável. E porque essas novas percepções envolvem 'o encontro'? Chamamos de encontro uma relação qualquer com 'o fora'. Para Deleuze:

quando alguém encontra suas próprias condições de existência, ou a dos outros; aquilo que se chama de ‘lutas’ há uma afetação.

Nesse caso, a política em Deleuze, é muito menos uma tomada de consciência do que a explosão de uma nova sensibilidade. Eu não preciso ser mulher para me sensibilizar em relação à dor que as vítimas de agressão sofrem. Muito menos eu preciso ser negro para me sensibilizar em relação à dor provocada pelo racismo. Estabeleço novas relação com o corpo, o tempo, a sexualidade, o meio, a cultura, o trabalho a partir de uma relação de devir, do tornar-se. A nossa subjetividade é constituída por uma síntese dessas relações. O problema é justamente estabelecer novas conexões sobre essas questões, ou seja, um tipo de abertura ao exterior, ao fora, afinal, as relações são sempre exteriores, logo, encontros, implicações, misturas. E o mais curioso: encontramos ‘bruscamente’, ‘violentamente’ o que tínhamos cotidianamente diante dos olhos. E nesse itinerário, há um campo de virtualidades absurdas que precisam ser atualizadas – do feminino, da animalidade, da criança, do idoso, do negro, dos gays. A política ou ação política para Deleuze é como uma vidência dessas potências em devir. E potencialidades são puras singularidades. Dinamismos que escapam às coordenadas de espaço-tempo (não se trata de uma mera vontade ou espontaneidade). É justamente nos modos de existência concretos que percebemos as possibilidades de vida – possibilidades afetivas e seus modos. Possibilidades afetivas são as maneiras pelas quais as potencialidades são distribuídas e condensadas (numa época, num campo social dado). “Uma situação” por exemplo, exprime um conjunto aberto de potencialidades dispostas e distribuídas. Cabe a nós, inventar a combinação concreta. O agenciamento (a multiplicidade) material (espaço-temporal) que atualizará novas possibilidades de vida. Ao escapar de agenciamentos duros, molares – somos arrastados – e o arrasto é o acontecimento para um devir-revolucionário. Curioso: quando Deleuze/Guattari falam do possível enquanto potência (não algo dado, mas criado, inventado, fabulado) ele já diz do seu esgotamento. O esgotamento é a experiência de que o possível se extinguiu. Convertendo os campos da possibilidade em efeitos aleatórios de necessidades abertas para formas de uma ressingularização subjetiva. Gerando novos universos de referência, novos modos de sentir os mundos de vida. ‘Esgotar o possível’... ir ao limite da criação, da invenção, da experimentação

(no território institucional, dar vazão para os fluxos). E o papel da instituição e do instituído é interromper o fluxo. Uma simbiose imanente e de imanências: os agenciamentos coletivos. O que nos faz ser e agir no mundo. Quando exaurimos o possível, o esgotamento fará com que se possa sentir na superfície a força destruidora das máquinas de sobrecodificação. Experiência vivida pela potência intensiva do esgotamento: é justamente nesse limite que se experimentará um tipo de erupção; a potência de uma transformação, de um desvio. Afirmar uma negação que já não tem mais nada a negar.

A ética e a política em Deleuze/Guattari são impressionantemente afirmativas, possuem um “gesto ético como o que “toma em conta o conjunto das vidas”, fazendo-as ressoarem “um humanismo depois da morte do homem”, diria Combes, um humanismo sem homem, que se edifica sobre as ruínas da antropologia” (Montebello *apud* Pelbart, 2016, p. 417); além de insistir na ideia de criação. E o que seria a criação? Ela opera em um espaço de redistribuição de singularidades a partir de novos agenciamentos concretos tendo como fluxo novas sensibilidades. É “uma política da multiplicidade [...] a política da multiplicidade é antes um modo de devir do que um modo de ser [...] em suma, é um conceito que designa um modo intensivo de existência.”(PELBART, 2016, p. 416) O Estado enquanto uma máquina de guerra, de configuração de códigos não nos dará as condições dessa singularidade (a lei, o direito, a ordem médica, as políticas públicas, a vontade política são inibidores de criação). A criação traça um novo agenciamento espaço-temporal – o agenciamento do espaço e de tempo, e não apenas no espaço e no tempo.

Trata-se de esgotar o espaço.... A potencialidade é um duplo possível. É a possibilidade de que um acontecimento, ele próprio possível, se realize no espaço considerado. A possibilidade de que alguma coisa se realize, e de que algum lugar o realize. A potencialidade do quadrado é a possibilidade de que os quatro corpos em movimento que o povoam se encontrem, a dois, a três ou a quatro, segundo a ordem e o curso da série. O centro é o lugar em que eles podem se encontrar; e seu encontro, sua colisão, não é um acontecimento entre outros, mas a única possibilidade de acontecimentos, isto é, a potencialidade do espaço correspondente. Esgotar o espaço é exaurir sua possibilidade, tornando todo encontro impossível. Desde então, a solução do problema está nesse leve recuo em relação ao centro, nesse esgueirar se, nesse desvio, nesse hiato, nessa pontuação, nessa síncope, nessa rápida esquivada ou pequeno salto, que prevê o encontro e o conjura. A repetição não

retira nada do caráter decisivo, absoluto, desse gesto. Os corpos evitam-se respectivamente, mas evitam o centro absolutamente. Eles se esgueiram em relação ao centro para evitar um ao outro, mas cada um se esgueira, em solo, para evitar o centro. O que é despotencializado é o espaço. "Pista apenas suficientemente larga para que um único corpo nunca dois aí se cruzem." (DELEUZE, 2010, p. 89-90).

A questão não é mais de saber como preencher o espaço e o tempo (como no capitalismo e no dia a dia das instituições, de nossa vida profissional). A questão é saber como recompor o espaço e o tempo que nos desdobra. Obviamente, quando falamos de um 'novo campo de possíveis' falamos de organização política enquanto movimento. E nesse sentido, podemos dizer que: 1º - Se o possível é criação, nada está dado ou previamente combinado. 2º - Os acontecimentos ressoam uns nos outros, uns com os outros – caoticamente. 3º - Tudo está por se fazer. Pede sua efetuação. Só pode se efetuar atualizando-se. Se trata de:

[...] recompor universos de subjetivação artificialmente rarefeitos e ressingularizados.... catalisar operadores existenciais suscetíveis de adquirir consistência e persistência.... invenção de novos focos catalíticos suscetíveis de fazer bifurcar a existência. Uma singularidade, uma ruptura de sentido, um corte, uma fragmentação, a separação de um conteúdo semiótico (GUATTARI, 2012, p. 30-31).

O possível não preexiste, ele é criado pelo acontecimento. É uma questão de vida. O acontecimento cria uma nova existência, produz uma subjetividade outra. Quando uma mutação social aparece, não basta tirar-lhe as consequências ou os efeitos, seguindo linhas de causalidade econômicas e políticas. É necessário que a sociedade seja capaz de formar agenciamentos coletivos correspondentes à nova subjetividade, de tal maneira que ela queira a mutação. É isso uma verdadeira reconversão. Mais ainda: a modificação efetiva da situação não opera no modo da realização de um projeto. Trata-se de inventar as formas sociais que correspondam à nova sensibilidade. Nova sensibilidade não corresponde e nem dispõe de nenhuma imagem concreta adequada. E tal prática não se assemelha a um imperativo do dever. O pressuposto da ação não pode ser moral. Segundo Deleuze: a imanência significa que a exterioridade deixou de estar além do mundo, dado que a infinidade dos mundos possíveis se decifra, a partir de então, diretamente no mundo, como sinais de sua heterogeneidade. Só podemos responder aos acontecimentos porque

não podemos viver em um mundo o qual não mais suportamos. É esta violência que força o pensamento. Teremos dois extremos: alternativa entre o desmoronamento psicótico (enlouquecemos, no pior sentido possível – uma vontade de abolição, de destruição) e o devir-revolucionário. Deleuze cita duas obras: O idiota, de Dostoiévski e Bartleby (ambos os personagens têm em comum o fato de terem visto algo que excedia os dados da situação, e que tornava qualquer reação não apenas derrisória e inadequada, mas também intolerável).

Nossas relações habituais com o mundo se revelam convenções arbitrárias, que nos protege do mundo e o torna tolerável para nós (os segmentos). Nossos interesses se inclinam sempre para o lado da obediência e da resignação. Mas, o nosso compromisso é com o intolerável para com a miséria de toda a natureza e os poderes que a alimentam e a propagam (poder político e poder teológico). E aí Deleuze nos aponta um outro problema: possuímos respostas prontas - esquema sensorio-motor – para situações de sofrimento. Essas respostas indicam uma interiorização da repressão e da dor (vitimização). Para Deleuze, os clichês da luta ou da compaixão parecem chegar hoje a um paradoxo, ou seja, a capacidade de adaptação ao odioso e as suas causas. Perdemos a vontade (impotência). Não acreditamos mais na condição de criar o possível em função do cansaço e do tédio. É como se nos submetêssemos ao que já está dado, reconhecido, aceito. Nada parece poder acontecer. Tudo tem a forma do que já estava presente, do preexistente. Processo de naturalização. Chega um momento em que não mais percebemos o real senão como já visto. Ele é precedido pela sua própria imagem. Na verdade, a realidade que nós temos é esta: tudo é possível, mas numa possibilidade confinada, isto é, nada é possível. O futuro está pré-formado; forma do já presente. O futuro como realização daquilo que já está presente. Ou seja: eu colo no empírico (na experiência) a imagem e/ou a representação. Eu concebo no empírico o conjunto de representação. Logo, o que nos caberá será somente uma pseudo-experiência. Uma ilusão da mudança. O que temos de colocar em xeque é ‘a imagem do pensamento’ – a imagem que o pensamento faz de si. Escapar a isso significa resistir. E resistir é diferente de reagir. Não estamos falando de resignação ou de mera revolta interior. “Resistir significa extrair desse homem as forças de uma vida mais afirmativa.... a forma-homem aprisionou a vida e, por isso, seria preciso livrar-se do homem para

liberar a vida.” (DELEUZE, 1988, p. 140) Resistir se alimenta do intolerável, (diferentemente dos clichês da miséria e da reivindicação constituídos sob a forma de um pensamento cheio de imagens).

Coube a Deleuze explicitar que ao poder sobre a vida deveria responder o poder *da vida*, na sua potência política de resistir e criar, de produzir e fazer variar as formas de vida, [acrescentaria Guattari, reinventa suas coordenadas de enunciação]. (PELBART, 2003, p. 149 – *Grifos do autor*).

Nessa direção, podemos afirmar que um corpo esgotado ao constituir uma nova distribuição dos afetos provoca um acontecimento político. E o que dá o tom dessa nova distribuição é a ideia ‘do intolerável’. O intolerável é um efeito da experiência-limite do esgotamento, portanto, um acontecimento político. Alguma coisa se passa de tal maneira que um corpo percebe o que continha de intolerável. É quando o exprimível de uma situação irrompe bruscamente. Tendo em vista o pensamento enquanto pensamento de possibilidades em consonância com experiência do fora, temos a configuração de experiência de composição do caos: uma Caosmose, um novo paradigma estético. “A démarche esquizoanalítica” como promotora de paradigmas ético-estéticos, inventora de novas dobras, retomando a questão do sujeito como uma prática da resistência. O poder da vontade. Assim, como nos diz Guattari (2012), ao colocar que a resistência em sua primeira definição é tida como uma ética da finitude constituinte, ou criadora.

A consistência positiva da política em seus agenciamentos concretos e coletivos e a luta pela afirmação dos direitos correspondentes a esses agenciamentos concretos e coletivos (lembrando que agenciamento diz respeito à multiplicidade), se dá por linhas de fuga, de minoria para minoria (crianças, operários, mulheres, negros, camponeses, prisioneiros, gays). Para Deleuze/Guattari, só retomamos a efetividade da política desfazendo-nos da miragem representada pela tomada do poder e pela transformação extrínseca e demiúrgica da sociedade. Nessa perspectiva, ser de esquerda é acompanhar as linhas de fuga em todos os lugares; tentar conectá-las àquelas que nos abalam, favorecer a efetuação via invenção do possível em todos os lugares em que emerge.

Em certa passagem, Guattari (2012) nos diz do caráter imperativo que é a tarefa: da refundação dos eixos de valores, das finalidades fundamentais das relações

humanas e das atividades produtivas. Pois, segundo ele, o emaranhado de impasses no qual o mundo contemporâneo se encontra – dado o engajamento do mundo em uma corrida vertiginosa na linha tênue entre o abismo e/ou uma renovação radical – “As bússolas econômicas, sociais, políticas, morais, tradicionais se desorientam umas após as outras.” (*Ibidem*, p. 106). Cabe ao intelectual, nesse caso, a sensibilidade em relação à emergência de novos campos de possíveis. Experimentamos um tipo de paradoxo da angústia: não acreditamos mais em um outro mundo (apenas neste, na imanência pura e absoluta); mas ainda não acreditamos neste mundo, tal como ele nos aparece. Sendo assim, é preciso desacreditar no mundo, mas ao mesmo tempo, darmos conta de que o mundo é a condição do possível. É esgotando o possível que o criamos, num tipo de contradição aparente. E nesse itinerário de esgotamento, experimentamos o intolerável no mundo. Dado que, a ativação no esgotamento é uma vibração intensiva, é poder dizer um sim à vida em meio a sua tragicidade. Afinal, caminha sempre aos lados da destruição a tarefa da criação, as forças de criação. Aí, efetivamente, começamos a fazer política.

177

### Referências

BARBOSA, I. M. *Nilismo, transvaloração e redenção na Filosofia de Nietzsche*. São Carlos, SP: UFSCar, 2009, 280 p. [Tese de Doutorado]. <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4765/2439.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> (Último acesso em 12/04/2023).

COSTA, J. F. “A Ética democrática e seus inimigos: O lado privado da violência pública”. In: NASCIMENTO, E. P. (Org.). *Brasília: capital do debate – o século XXI – Ética*. Rio de Janeiro/Brasília: Garamond/Codeplan, 1997, p. 67-86.

DELEUZE, G. *Nietzsche a e filosofia*. Trad. R. J. Dias e E. F. Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, G. *Foucault*. Trad. C. S. M.; revisão da tradução R. R. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, G. *Pourparlers*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990.

DELEUZE, G. “A Imanência: uma vida...” Trad. T. Tadeu, in *Educação e realidade*, Porto Alegre, RS, v. 27, n. 2, p. 10-18, 2002a. (Dossiê Gilles Deleuze)

DELEUZE, G. *Espinosa Filosofia prática*. Trad. D. Lins e F. P. Lins. São Paulo: Escuta, 2002b.

DELEUZE, G. *Sobre o Teatro: um manifesto de menos; O esgotado*. Trad. F. Saadi, O. Abreu, R. Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

- DELEUZE, G. *Conversações*. 3. ed. Trad. P. P. Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *L'Anti-Œdipe*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1972/73.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mille Plateaux*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. 5. ed., v. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?*. 2. ed. Trad. B. P. Junior. e A. A. Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* 1. 2. ed. Trad. L. B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. 2. ed., v. 3. Trad. A. G. Neto, A. L. de Oliveira, L. C. Leão e S. Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. 2. ed., v. 5. Trad. P. P. Pelbart e J. Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- FOUCAULT, M. "O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista". In *Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*. v. 1, n. 1, p. 197-200, 1993.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 22. ed. Trad. M. T. C. Albuquerque; revisão técnica de J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2012.
- GUATTARI, F. *A revolução molecular*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 2. ed. Trad. A. L. Oliveira e L. C. Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- HUR, D. U. *Psicologia, política e esquizoanálise*. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2019.
- HUR, D. U. "Desejo e política em Deleuze: máquinas codificadora, neoliberal, neofascista e esquizodramática". In: *PoliÉtica – Revista de Ética e Filosofia Política*, v. 8, n. 2, 2020a, p. 173-202.
- HUR, D. U.; SABUCEDO, J. M. "Apresentação – Psicologia dos extremismos políticos e polarizações sociais". In HUR, D. U.; SABUCEDO, J. M.(Orgs.). *Psicologia dos Extremismos Políticos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020b, p. 7-15.
- JACUBOWSKI, F. R. *Nietzsche: A Doutrina da Vontade de Potência como Superação do Mecanicismo*. Toledo, PR: UNIOESTE, 2011, 134 p. [Dissertação de Mestrado]. <<http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2118/1/Felipe%20Renan%20Jacubowski.pdf>> (Último acesso em 12/04/2023).
- LE MOS, F. C. S. "Os microfascismos cotidianos e a produção de subjetividades democráticas na ausência da república brasileira atual". In: RASERA, E. F., PEREIRA, M. S. e GALINDO,

D. (Orgs.). *Democracia participativa, estado e laicidade: psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção*. Porto Alegre: ABRAPSO, 2017, pp. 48-62.

MACHADO, R. “Introdução”. In: Deleuze, Gilles. (A.), *Sobre o Teatro: um manifesto de menos; O esgotado*. Trad. F. Saadi, O. Abreu, R. Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 7-23.

MARTINS, M. “A geografia deleuziana da diferença: o pensamento e suas potências em Diferença e Repetição”. In: JARDIM, A. F. C.; OLIVEIRA, A. S. e DIAS, P. H. (Orgs.). *Pensar Deleuze: 50 anos de publicação da obra Diferença e Repetição*. Curitiba: Appris, 2021, p. 41-62.

MARTINS, M. Os tentáculos do neoliberalismo: do problema da semiformação aos microfascismos em nós – os germes letárgicos dos novos fundamentalismos da política contemporânea. In: Alex Fabiano Correia Jardim et al. (Orgs.). *Deleuze e Guattari: Pensar em veredas que se bifurcam – Política, Educação e Clínica*. Curitiba: CRV, 2022, pp. 287-318.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PELBART, P. Pál. *Vida Capital: Ensaio de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PELBART, P. Pál. “Por um corpo vivo: cartografias biopolíticas”. In Ana Marta Lobosque (Org.) *Caderno Saúde Mental 2 – Seminário Universidade e Reforma Psiquiátrica: Interrogando a Distância*. Belo Horizonte: ESP. Vol. 2, 2009, pp. 25-37.

PELBART, P. Pál. *O avesso do nihilismo: cartografias do esgotamento*. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2016.

Submissão: 16. 05. 2023 / Aceite: 17. 05. 2023